

Pelé: uma escola de vida, futebol e política

Wagner Uarpêik

janeiro de 2023

Se cada talento ou técnica do futebol fosse um território, teríamos dezenas e dezenas de príncipes e lordes, mundo afora. Muitos grandes jogadores conquistaram mais de um território, e neles foram mestres. Porém, só um deles reinou em diversos reinos, e por isso foi coroado rei. Pelé não se tornou o maior por ser um grande especialista em drible, cabeceio ou marketing, mas por conseguir abrigar, concentrar e cultivar, num mesmo corpo, diversos poderes dispersos em muitos outros grandes jogadores ao longo das décadas. Pelé reinou, reina e reinará, por ser considerado, ainda hoje, o jogador mais completo. Ou menos incompleto, já que, no topo do futebol, como de qualquer outro caminho, são sobretudo os detalhes e falhas que decidem quem será príncipe, lorde ou rei.

A intimidade de Pelé com a bola me lembra o majestoso Maradona; mas sua devoção atlética combina bem mais com o gladiador Cristiano Ronaldo. Seus dribles imprevisíveis lembram o bruxo Ronaldinho, mas seus cabeceios, Klinsmann. Seu eficiente minimalismo lembra o astucioso Romário, mas sua ampla visão de jogo, o sábio Zidane. A explosão aniquiladora parece a de Ronaldo, mas a precisão dos passes, Beckham. A leveza dos dribles evoca Neymar e Dener; a força e fortaleza, van Dijk. O domínio de bola de Pelé soa muy Messi[ânico], mas a potência dos seus chutes é melhor honrada por um canhão chamado Roberto Carlos. Pelé é o melhor entre os melhores não tanto por ter tabelado com as pernas dos marcadores, driblado mais de cinco, feito gol olímpico, e tantos de

bicicleta, ou por superar tantos jogadores no que cada um fazia melhor; mas por ser bom ou excelente em todas as habilidades decisivas ou mais notáveis para sua posição em campo. Pelé é a prova de que o ecletismo funciona melhor que o especialismo; que a síntese chega mais longe que a divisão; que a ambidestria compensa mais do que uma perna só.

É evidente que a realeza de Pelé há muito transcendeu o futebol, pra dizer “Brasil” ao planeta inteiro. É evidente que o país abraçou “Pelé” como adjetivo superlativo. É evidente que a realeza de Pelé há muito desafiou o racismo, ao gritar em voz alta, em todos os idiomas, do que um negro é capaz. É claro que Edson tinha muito mais defeitos fora de campo do que dentro, e também, algumas virtudes mais visíveis sem uniforme: um sorriso leve, escancarado e inocente, por exemplo. É evidente que o pequeno e sorridente Pelé continuou sorrindo no velho Pelé. A alegria, leveza e calma do negão talvez tenham sido mais decisivas para que ele alcançasse o trono, do que sua precoce certeza de que era o rei. Pois quanto mais divertida a obra, melhor pro obreiro. A capacidade de jogar sem tristeza, ódio ou medo, como quem brinca, é um dos sinais mais dignos dos melhores atletas.

Mas, quando se trata de Pelé, muitas outras coisas não são evidentes. Por exemplo, que o nome “Pelé” foi um erro de pronúncia [do pequeno Edson] que virou apelido. A genialidade frequentemente se alimenta de falhas. No “português”; na hierarquia do futebol mundial [pois, antes de Pelé, o Brasil talvez não constasse sequer entre as três melhores seleções]; e no esquema social brasileiro [pois o colossal “atleta do século” deu seus primeiros chutes com pernas desnutridas]. As notas baixas de Einstein são famosas. Os gênios não são só tremendos acertos da espécie: são também grandes falhas na matrix.

Outra coisa que, embora popularmente evidente, tem sido pouco dita após a morte do nosso tesouro preto, é que “Pelé”, no vocabulário popular, há algumas décadas passou a significar malandro fino, bom enganador, grande tratante, oportunista maroto. O que não destoia muito do comportamento esquivo e diplomático do rei, fora de campo, nem, menos ainda, do jogador capaz de fazer faltas bastante violentas [vingativas: dizem] sem ser notado e punido. Pelé cometeu proezas marciais como quebrar a perna de um alemão que o perseguia em campo. O rei sabia ser tirano. Então, se queremos reverenciar e aprender com nosso herói, precisamos conhecer os dois lados da moeda: a cara, e a coroa. Ou nossa antropofagia real será tão incompleta quanto os outros jogadores. Para o bem e para o mal, o Brasil tem muito de Pelé: ao mesmo tempo seu ordinário e divino filho, e nosso pai mítico.

Aliás, é revelador que Lula tenha sido coroado pela terceira vez dias após a morte do nosso maior tricampeão mundial. Pode ser um ótimo presságio. Que a realeza de Pelé possa, de alguma forma, reencarnar em Lula, seria maravilhoso – e também perigoso. Embora, talvez, essa reencarnação seja desnecessariamente repetitiva, já que muitos consideram o petista o “pelé da política”. O maradona, eu diria, por enquanto, pela vitoriosa “mão de Deus”, e pela grande ambidestria...a ser dominada. Pois Lula ainda não chuta tão bem com as duas pernas. O pelé da política brasileira talvez seja Getúlio Vargas. Ou talvez ainda esteja se preparando pra entrar no gramado, ajeitar o meio de campo, e livrar o país do império dos canhotos e destros [in]curáveis.

Também é revelador que a morte do papa Bento XVI tenha sacudido o mundo mil vezes menos que a de Edson. O futebol é, hoje, definitivamente, a maior religião do planeta. O maior culto moderno, ainda em ascensão. Apesar do lado estúpido, doentio e

criminoso, certamente tem plantado mais vida e alegria que a velha Igreja, que, como tudo sobre a terra, também colhe o que plantou, queimou e matou. O papa ainda é pop; mas o futebol é top. A civilização nunca foi tão “mundana”.

Finalmente, é bastante sintomática a ausência, no velório do rei, dos campeões do tetra, do penta, dos jogadores da atual seleção brasileira, e até dos jogadores dos clubes do país. Eis a prova cabal de que a era de ouro do nosso futebol realmente acabou, enterrada com Pelé. Diante de tamanha insolência e profunda desconexão para com seu maior herói, cresce a terrível maldição que, há quase uma década, adoeceu de vez o futebol brasileiro. A enorme maioria dos nossos melhores jogadores e treinadores não são moralmente e tecnicamente dignos do hexa. São dignos da CBF, e de tantas outras máfias e mafiosos. E assim será por muito tempo!: eis a pedagógica maldição. Até que outra seleção se torne penta; Pelé renasça no Brasil; ou o futebol brasileiro seja reinventado.

Pelé é uma escola de vida, política e futebol que o país precisa frequentar. Que a semente real brote, floresça e frutifique no coração do Brasil: cada brasileiro.